

METROS BARBAROS

Um dos nossos maiores poetas, Magalhães Azeredo, nas suas ultimas producções, tem procurado introduzir na metrica portugueza os chamados (por oposição aos *classicos*) *metros barbaros*. A innovação, e aliás é a sorte, a principio, de todas as innovações, foi recebida com alguma oposição ou, para falar verdade, com alguma indifferença. Sem embargo de ser um poeta de grande merito, Magalhães de Azeredo vive longe do Brasil, que é a sua terra e ainda mais d'ella se affasta por seus ideaes que parecem os de um europeu e talvez até mais estrictamente os de um romano d'aquelles que ainda hoje sonham a reconstituição do imperio antigo e mediterraneo.

Este *absenteismo* da sua esthetica torna-o, não impopular, mas muito menos conhecido do que o merece por todos os motivos; as suas poesias são aqui admiradas por um publico de escol, muito selecto e restricto, por uns poucos d'aquelles que o comprehendem e o têm na verdadeira estima que lhe reclamam as suas qualidades geniaes de escriptor. Nenhuma poesia ha tão nobre e eloquente como a sua.

Raros, mui raros, entre nós, possuem como elle a severa correccão de forma, a elegancia e o sentimento da linguagem, no que ella tem de mais expressivo e musical.

Uma reforma ou innovação metrica d'aquellea especie tentada uma vez ha um seculo por José Anastacio da Cunha (na versão do Idilio XIV de Gessner), não logrou a approvação de A. de Castilho que mais tarde examinou a questão, a propósito de outra tentativa de Nolasco da Cunha.

« E' uma chimera, dizia Castilho, sem o minimo vislumbre de possibilidade ». Tratava-se então de naturalizar os hexametros e pentametros latinos, que entre tanto ja haviam sido tentados no XV e XVI seculo, na poesia hespanhola, não sem algum exito.

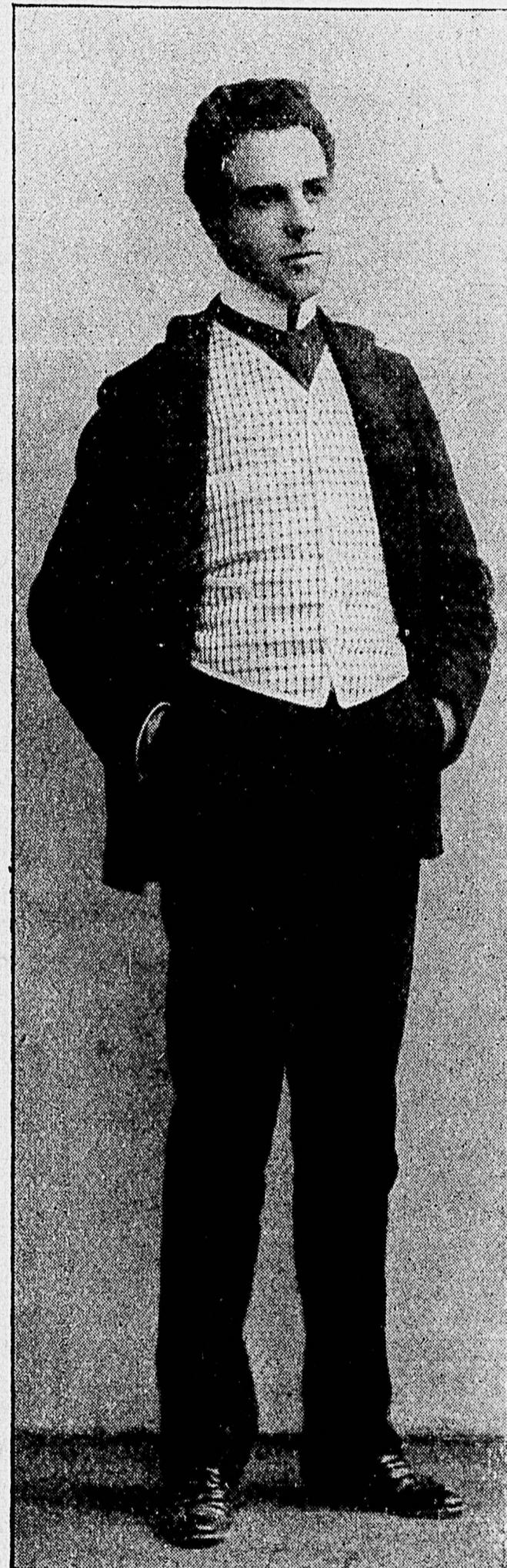
N'este particular, é lastimavel que até hoje se não tenha publicado um manuscrito de Nolasco, *O Homero moderno*, no qual expõe as suas theorias do hexametro portuguez e em hexametros traduz o canto V dos *Lusidas*; dentre suas obras publicadas, em metro latino

foram algumas poesias que sahiram no *Investigador Portuguez* no anno de 1813.

Estes douis innovadores eram eruditos ou sabios e apenas mediocres poetas, o que pode explicar a má fortuna que acharam os seus insulsos hexametros.

O caso de Magalhaes Azeredo é, porém, muito distincto d'aquellas tentativas imperfeitas e inhabeis. A innovação de hoje vem apadrinhada por um poeta elegantissimo, inspirado e eloquente.

« Pretender que a nossa poética, diz elle, é já bastante opulenta de ritmos e não precisa de outros se me affigura temerario; não é menos opulenta a italiana e acolheu os *metros bárbaros*. Essa razão de resto foi já invocada contra o alexandrino e não o



Magalhães de Azeredo.

impediu de vingar. Razão semelhante invocavam os músicos da escola melódica antiga contra as concepções de Wagner... Todos os misoneismos se parecem nos gestos e nos argumentos.

Como foi contestada a affinidade entre os meus versos e os hexametros e pentametros, proval-a-ei com alguns exemplos :

Te meminis docet, quae plurima voce peregi
Supplice, quum posti florea sertam darem.

TIBULLUS. — *Lib. I, El. II.*

Namque agor, ut per plana citus sola verbera turbo
Quem celer assueta, versat ab arte puer.

TIBULLUS. — *Lib. I, El. V.*

Me miserum adspicite, et si vita puriter egi,
Eripite hanc pestem perniciemque mihi.

CATULLUS. — *El. LXXVI.*

Leiam-se esses dísticos á maneira moderna : (da declamação antiga perdeu-se o segredo ; acompanhavam-na geralmente os accordes da harpa, e ella devia assemelhar-se ao modo como se cantam hoje as letras dos trechos musicaes, em que se dá ás sibilas a duração de um ou mais tempos, conforme as exigencias da música). E veja-se como ha nestes meus a mesma sonoridade :

Lá, no castello tácito, as negras janellas abertas,
como órbitas sem olhos, fitam o parque, o bosque,
o cálido horizonte. Calmíssima, a noite de estio
estende, sem um sôpro, tenues sendaes violaceos
sobre o arvorêdo grave. Na altura, é de puro azeviche
o ceu, mas constellado, coruscante de joias.

Em outras elegias o verso correspondente ao pentametro é de tipo diverso :

Harpas eolias pendem dos altos ramos?
Nec scire, utrum sis albus, an ater homo,

diz Catullo no célebre epigramma a Cesar.

Ha inúmeros exemplos de pentametros que dão a mesma impressão dos nossos decasílabos :

Ut cedant certis sidera temporibus.
E Berenice vertice caesariem.
Quam de virgineis gesserat exuvias.

São do bello e famoso carme d'aquelle poeta sobre a *Coma de Berenice*.

Eis ainda hexametros de cadencia diferente, tirados das *Elegias* de Propercio :

Perjurias tunc ille solet punire puellas.
Quam vacet alternus blandos audire sussurros.
Non tribus infernum custodit faucibus antrum.

Estes se lhes semelham :

Rouxinol que cantas escondido, e o fragil ninho
tens no cavo tronco de um carvalho centenario,
ou num muro ha vinte longos séculos erguido...

Quanto ao ritmo poético portuguez, supponha-se que eu escrevo esta estrofe :

O' Natureza augusta!
tu geras innúmeras vidas;

e a cada instante sonhas
mil novas criaturas.
Mas todas destruidas,
as queres por tuas peçonhas
ó perfida Locusta,
de mãos impuras!

Ninguem contestará serem genuinamente portuguezes os versos de que ella consta. Ora, os das minhas elegias são idénticos, com a diferença de serem agrupados em disticos, dois a dois, o que não lhes altera a harmonia, tanto mais não havendo a simetria das rimas. A falta d'estas, em todo um volume não escasso, será talvez uma audacia, hoje, no Brasil; diga-se melhor, uma extravagancia... mas, por Deus! só faremos o que vemos fazerem os outros? »

De todas as innovações metricas do portuguez a unica que logrou algum exito foi a dos *alexandrinos* com Figueirêdo no seu *Theatro em Bocage* e afinal em Castilho. O endecassyllabo italiano dos quinhentistas era apenas uma novidade quanto à disposição estrofica, mas era já um *metro* frequente nos cancioneiros dos séculos XIII e XIV. N'estes mesmos cancioneiros ha uma especie de alexandrino imperfeito, *quinarios duplos* ou duplos de *redondilha menor*, *muinheiras*, que foram estudados por um alemão hoje professor na Universidade de Santiago de Chile, o philologo Friedrich Hassen, e por outros especialistas da poesia medieval. Estas questões de origem, porém, interessam apenas a eruditos e a investigadores.

O que se não pode negar é que os versos de Magalhães de Azeredo têm a mesma pompa, sonoridade e beleza dos de Carducci e podiam ser incluidos e exemplificados no excellente tratado de versificação recentemente publicado por Olavo Bilac e Guimaraes Passos. Aqui damos por amostra déstes versos novos a formosissima

ESTATUA MUTILADA.

De alvíssimo pentélico as formas divinas refulgem.
Certo, gerou-te a patria da Belleza,
a Hélade eterna. O' corpo sublime, que bárbaras garras
torpes te mutilaram atrozmente?
Psiche, Afrodite ou Juno, quem quer que tu foste, sem pena
o martello sacrílego feriu-te,
os brancos pés quebrou-te, rompeu-te os espléndidos braços;
(onde essas mãos liriaes foram dispersas?)
nivea petrina, seios em flor, bellos flancos polidos
como urnas... nada, ah! nada te pouparam!
Sómente o resto. Intacto, sereno elle brilha. Sereno,
hierático, impassivel, e perfeito.
Eram assim as Deusas. Tu és uma Deusa. Debalde
te offenderam, debalde ignoras gentes
aqui te relegaram supina, nesta orla de bosque,
numa rústica e sórdida morada.
Debalde, anno após anno, por séculos lentos e escuros,
entre almas incapazes de entender-te,
de te sentir o arcano prestígio, dormiste em silencio.
Tu sabias (as Deusas tudo sabem)
que eu de longinhas terras viria, de terras selvagens,
para te amar, ó Deusa, de joelhos...

Metros barbaros

No *Almanaque de 1907*, a propósito da innovação dos hexametros na lingua portugueza, referimos-nos a tentativas analogas ja realizadas nos começos do seculo xix por dous poetas, José Anastacio da Cunha e principalmente Vicente Pedro Nolasco.

A este metro pertence entre outras produções a *Elegia ao General Moreau*, publicada no *Investigador portuguez*, de 1813, a qual assim começa em hexametros alternados com pentametros, segundo a metrica dos gregos e latinos :

Veos funebres da Morte, que fulgurando nos astros,
 Cá sobre a terra palida sombra cobre,
 Dai-me que subindo ás fontes da etherea vida.
 Mysterios sonde, que avido o Ceo recata
 Da humana sorte os quadros notando medonhos.
 Fluctua a Mente, pavido o seio treme.
 Fins occultando mostra a Providencia meios
 Que aos mortaes olhos cega vereda traçam.
 Por ella a Razão marchando, vacilla, tropeços
 Acha da verdade na escurecida rota.
 Da sordida Cubica, da Tyrania cruenta
 Cahir nas garras a Integridade vemos.
 Com torpe jubilo folgando o Crime triumpha
 E em pranto, e ferros a humanidade geme.
 Na horrenda alluvião de males que a terra desolam.
 Náufraga a virtude quasi que o termo toca.
 Feios mais que Egypcia treva, de lucto cobertos
 Os tristes dias da Escravidão negrejam.
 Ja curvo de crueis Tyranos á ferrea vara
 O genero humano vira de pranto dias.
 Nesses, que inda a Magoa aponta, de Emacia campos
 Onde hostes patrias crua peleja abriram,
 Ao Crime jus, triumphos á Infamia dando,
 Co' insulto a Sorte quiz macular os evos.
 O rígido inimigo da Prepotencia dura
 O censor fero d'horridos arbitrios,
 Catão firme expira; e co' a liberdade caindo
 Resigna os foros d'alta nobreza humana
 Não menos em crimes fertil; mais negra no lucto
 A idade nossa fez Tyrania crua.

O Dr. Affonso Penna e a Graphologia

Um curioso que acredita na sciencia da graphologia, hoje aliás muito bem reputada, remetteu alguns autographos do Presidente da Republica para servirem de estudo ao Sñr Crépieux-Jamin, o mais notavel talvez de todos os graphologos contemporaneos.

A resposta, feita apoz maduros estudos, envolve affirmações que parecem